



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MÔNICA MARTINS DE ARAUJO

**A MULHER ERECHINENSE ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES NA REVISTA
DE ERECHIM DA DÉCADA DE 1950**

ERECHIM

2017

MÔNICA MARTINS DE ARAUJO

**A MULHER ERECHINENSE ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES NA REVISTA
DE ERECHIM DA DÉCADA DE 1950**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débora Clasen de Paula

ERECHIM

2017

MÔNICA MARTINS DE ARAUJO

**A MULHER ERECHINENSE ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES NA REVISTA
DE ERECHIM DA DÉCADA DE 1950**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débora Clasen de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Débora Clasen de Paula - UFFS

Prof.^o Dr.^o Gérson Wasen Fraga - UFFS

Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti - UFFS

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Araujo, Mônica Martins de
A mulher erechinense através das representações na
Revista de Erechim da década de 1950/ Mônica Martins de
Araujo. -- 2017.
42 f.:il.

Orientador: Débora Clasen de Paula.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em história , Erechim, RS , 2017.

1. Introdução. 2. Estudos de gênero na
historiografia. 3. A Revista de Erechim. 4. As mulheres
representadas na Revista de Erechim. 5. Considerações
finais. I. Paula, Débora Clasen de, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe Delair Martins de Araujo e aos meus irmãos, Robson Martins de Araujo e Ronieri Martins de Araujo, de todo o meu coração.

AGRADECIMENTOS

Tudo o que se propõe a fazer na vida surge de uma vontade individual, mas a caminhada nunca se dá sozinha. Pessoas são importantes e muitas, ao longo da trajetória, influenciam na chegada final. Por isso, deixo meu agradecimento aos que de alguma forma, direta ou indiretamente, fizeram com que a conclusão deste trabalho fosse possível.

Agradeço primeiramente à Universidade Federal da Fronteira Sul e todos os professores e funcionários que dela fazem parte. Aos professores em especial, principalmente o corpo docente do curso de História, pois foram estes que ao logo da caminhada me auxiliaram e guiaram para a obtenção de percepções mais amplas, claras e humanas. Obrigada!

Não posso deixar de lembrar também da equipe de funcionários do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, os quais auxiliaram nas diversas tardes de pesquisa que passei por lá. Meu muito obrigada!

Agradeço imensamente à minha querida orientadora, Prof^a Ms. Débora Clasen de Paula. Profe! Que felizes são as pessoas que tem o privilégio de conhecer você. Tu és incrível, um ser humano verdadeiramente iluminado. Obrigada por tudo!

Por último mas não menos importante, deixo um agradecimento especial aos meus queridos colegas de “fundão”, Aline, Ediana, Franciele, Rozeli e Rovian. Com vocês, tudo ao longo desses anos de graduação se tornou mais “suportável”, estamos no fim de um ciclo mas vocês eu levarei no coração pra sempre! Obrigada galera!

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a representação das mulheres na Revista de Erechim referente à década de 1950. A análise proposta se deu através da perspectiva de gênero, estudando os textos presentes na Revista de Erechim direcionados às mulheres da cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul da metade do século. Para alcançar os objetivos desta pesquisa foi feito levantamento bibliográfico referente aos estudos de gênero na historiografia, assim como pesquisa documental junto ao Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. Foram analisados os textos publicados pela Revista de Erechim, Revista esta que teve papel importante na divulgação de ideias, normas e comportamentos a serem seguidos pela sociedade erechinense como um todo e, em particular as mulheres. A pesquisa objetivou analisar que comportamentos e atitudes eram considerados “adequados” frente aos ideais de modernidade que estavam em voga e as prescrições do que era ou não aceitável no comportamento das mulheres.

Palavras-Chave: Imprensa, Mulheres, Revista de Erechim.

ABSTRACT

The present work has as its theme the representation of women in the Revista de Erechim referring to the decade of 1950. The analysis proposed came from the perspective of gender, studying the texts present in the Revista de Erechim directed to the women of the city of Erechim, Rio Grande southern half of the century. In order to reach the objectives of this research, a bibliographical survey was carried out regarding the gender studies in historiography, as well as documentary research in the Municipal Historical Archive Juarez Miguel Illa Font. The texts published by Revista de Erechim, Revista Revista Erechim, which played an important role in the dissemination of ideas, norms and behaviors to be followed by Erechian society as a whole, and in particular women, were analyzed. The research aimed to analyze what behaviors and attitudes were considered "adequate" to the ideals of modernity that were in vogue and the prescriptions of what was or was not acceptable in the behavior of women.

Key-words: Press, Women, Erechim Magazine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Revista de Erechim, ano 1, nº 4, 1951.....	24
Figura 2- Revista de Erechim, ano 1, nº 3, 1951.....	24
Figura 3- Revista de Erechim, ano 1, nº 5-6, 1951.....	25
Figura 4- Revista de Erechim ano 1, nº 7-8, 1951.....	25
Figura 5- Ficha catalográfica da Revista de Erechim ano 1, nº 1, 1951.....	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ESTUDOS DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA.....	14
2.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS REVISTAS NA DÉCADA DE 1950.....	18
3. A REVISTA DE ERECHIM.....	22
4. AS MULHERES REPRESENTADAS NA REVISTA DE ERECHIM.....	27
4.1 “A MULHER NASCEU PARA UM DESTINO GLORIOSO”: O CASAMENTO.....	27
4.2 “FAÇA-O ASSIM, SENTIR SAUDADES DE SEU AMBIENTE-LAR”: A HARMONIA DO LAR.....	29
4.3 “FIQUE DIANTE DE UM ESPELHO E ANALISE O SEU MODO DE ANDAR”: AS REGRAS DE COMPORTAMENTO.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
7. LISTA DE FONTES.....	42

1. INTRODUÇÃO

“Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR,1980).

O texto de Simone de Beauvoir afirma uma ruptura e uma mudança no que se refere ao ser mulher entre os conceitos de “natural” e de “cultural”. Essa abordagem teórica serve como ponto investigativo para que o referencial bibliográfico dos estudos feministas busque a compreensão da condição das mulheres ainda ao final dos anos 1970.

Como uma categoria de análise, o termo gênero surge com o objetivo de substituir o termo “mulher”, o qual remete a um determinismo biológico além de centrar como objeto de análise as relações com o homem.

O termo gênero é incorporado como objeto teórico de estudos para que não se remeta a uma análise que tenha como foco somente a mulher, e nem que as diferenças sejam vistas somente pelo viés biológico. Ao contrário, a preocupação reside na construção histórica da identidade do ser mulher, e essa construção procura constituir-se em uma análise para além do biológico, ou seja, no campo das relações de dentro do lar, da rua, da política, enfim, na vida cotidiana que forma a identidade de se tornar mulher, como afirma Pereira

As concepções sobre essa categoria de análise apresentam alternâncias e desconstruções das abordagens dos estudos feministas em relação ao seu objeto de estudo que se desloca do objeto empírico *mulheres*, para o objeto teórico *gênero*. Assim, desmistificando a concepção *natural* da diferença entre os sexos, a literatura feminista é o referencial teórico que, mesmo quando não se utiliza dessa categoria, produziu sua possibilidade. (PEREIRA, 2004, p. 173).

A história do gênero, em geral, tem como objeto de análise as relações entre os sexos como algo não naturalizado, ou seja, não necessariamente essas relações são advindas de um determinismo biológico nato.

Os estudos de gênero levam a perceber que as relações entre os sexos são historicamente construídas e remodeladas em favor de seu tempo,

Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na

relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança. (SCOTT, 1992. p. 5-22).

Portanto, gênero é o tema que se pretende desenvolver, tema este que emerge e é movido pelas variadas indagações surgidas através da vivência social da pesquisadora. O local e o tempo histórico a serem investigados são, respectivamente, a cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul, Erechim dos anos 1950. A vontade de ultrapassar uma barreira histórica que ainda é pouco explorada na cidade de Erechim também é grande motivação para a realização deste trabalho monográfico.

Nesta monografia, pretende-se, sobretudo, investigar o cotidiano da sociedade erechinense na década de 1950, principalmente no que se refere às relações de gênero, representações e manutenção do papel social da mulher na cidade de Erechim – RS.

Se espera que este trabalho se torne uma fonte de análise referente a Erechim, e que possa ofertar uma contribuição ao meio acadêmico, principalmente regional, uma vez que o gênero ainda é um tema à margem no campo de análise historiográfico local. Portanto, acredita-se que este estudo irá colaborar com a melhor compreensão dos lugares, por muito tempo subalternizados, das mulheres da região.

Para que esta pesquisa tomasse forma, além da análise bibliográfica acerca da história das mulheres e das relações de gênero, foi realizada uma análise documental através da imprensa erechinense da década de 1950, mais especificamente nos textos selecionados presentes na Revista de Erechim, esta que teve sua primeira publicação em Junho de 1951 pela Livraria e Tipografia Modelo. Atualmente os exemplares da Revista se encontram encadernados e preservados no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, em Erechim, para consulta pública.

Partindo do pressuposto de que a modernização decorrente desta época na cidade propunha um estreitamento entre a liberdade pessoal e o conservadorismo moral destinados às mulheres, a problemática desta monografia busca perceber como o discurso midiático impresso nos textos, colunas e editoriais da Revista de Erechim construíram e propagaram lugares estabelecidos referente às mulheres e na manutenção do papel social das mesmas na década de 1950 na cidade de Erechim. Visa ainda perceber como essas mulheres eram representadas na

sociedade erechinense dentro dos variados espaços sociais como família, lar, trabalho, entre outros.

O trabalho monográfico será apresentado em três principais momentos dentre os quais a partir do segundo capítulo será aprofundado questões de análise do gênero como categoria de estudo na historiografia e sobre as representações das mulheres em revistas. O terceiro capítulo abordará as características da fonte documental escolhida para o tema e o quarto capítulo desenvolverá as percepções e os resultados da análise dos textos escolhidos no que se refere as representações das mulheres nos variados âmbitos sociais de Erechim.

2. ESTUDOS DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA

O caminho que a história das mulheres e das relações de gênero percorreu ao longo do processo de inserção no campo historiográfico foi tortuoso e nada fácil. Desde o século XIX até início do século XX as narrativas históricas e seus métodos de análise eram restritos ao oficial, ao político e ao público, e tinham como sujeito principal de análise e de escrita a figura masculina. Isso significou a invisibilidade da mulher e conseqüentemente de sua história.

A partir disso é possível indagar: Por que as mulheres eram “invisíveis” às narrativas históricas? Quando é que a história das mulheres de fato começa a ser contada e a ter importância nas pesquisas dos historiadores e historiadoras? Quando as mulheres e sua história se tornam campo científico passível de análises e debates dentro do meio acadêmico?

Um dos acontecimentos que estimulou a produção de respostas para esses questionamentos foi a modificação estrutural no campo historiográfico em 1929 advindo da criação da *Escola dos Annales* por Marc Bloch e Lucien Febvre na França. A principal crítica que a escola fazia era com relação a factualidade rígida da história dos grandes feitos, dos grandes heróis, dos embates públicos e políticos. Abria-se, portanto, uma brecha para que a historiografia pudesse ampliar seus limites em direção à criação de uma história problema voltada para o social, e que conseqüentemente possibilitava o início dos estudos no âmbito privado e cotidiano de qualquer sujeito de uma sociedade.

O modo de pensar sobre o que é o documento histórico também é algo a se destacar na Escola dos *Annales*. Tudo pode ser considerado passível de análise histórica. Novas fontes passaram a serem aceitas além do que era escrito oficialmente, e esse pensamento se opõe ao modo rígido onde a fonte limitava-se ao que era escrito e oficial para ser válido à inserção na história.

Não há como negar que os *Annales* deram abertura inicial para que uma história das mulheres fosse possível de ser escrita e incorporada posteriormente ao campo historiográfico.

Para Michelle Perrot (2007) a Escola fundada por Bloch e Febvre foi bastante inovadora no que se refere a romper com o conservadorismo no modo de análise histórica, mas, ainda

assim, inicialmente não deu espaço ao estudo das diferenças sexuais e nem para as mulheres, ou seja, o plano econômico e o social continuavam como prioridades.

A partir da década de 1960 ocorre um movimento dentro da historiografia de crítica ao racionalismo. Tal crítica tornava relativo os conceitos teóricos considerados demasiadamente rígidos e abria formas de se pensar e de se interpretar o passado através de uma análise dialética.

Para Rachel Soihet (2011) a ascensão proveniente de novos campos como a história das mentalidades bem como da história cultural tende a afirmar a abordagem no que se refere ao feminino. A relação de interdisciplinaridade desses novos campos com outras disciplinas tais como a antropologia, possibilita aumentar em larga escala o leque de análise dos estudos sobre as mulheres.

Junto com as transformações na historiografia ocorre o avanço e emergência do feminismo também no decorrer da década de 1960 nos Estados Unidos e posteriormente na França, bem como em outras partes do mundo. No rugir de um movimento de contestação cultural e político que se alastrava pelo mundo ocidental é que o feminismo vai sentir a necessidade de reivindicar visibilidade na sociedade como um todo.

Essas reivindicações atingiram as universidades de vários países e gradativamente as estudantes se mobilizavam e iam propondo a inserção de cursos, pesquisas e grupos que dessem conta de trazer para as instituições acadêmicas a história das mulheres como campo de pesquisa concreto. Como resultado, as universidades francesas em 1973 iniciaram de fato a inclusão da história das mulheres no campo institucional com a abertura de estudos sobre o tema.

No que se refere a análise de gênero há, então, a possibilidade do surgimento de um campo acadêmico voltado a uma epistemologia feminista levando em conta as influências do movimento feminista às modificações da produção do conhecimento científico (RAGO, 1998).

Os estudos de gênero em geral, abordam e tem como objetivo a análise da relação entre os sexos como algo que não é necessariamente natural, ou seja, as relações entre os sexos não são baseadas em um determinismo biológico nato.

Joan Scott, autora e idealizadora de uma categoria de análise histórica que engloba o objeto gênero, afirma que

Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança. (SCOTT, 1992, p. 5-22)

Através da afirmativa de Scott, a autora deixa parâmetros fundamentais que nortearão os estudos de gênero a partir do final da década de 1970 quando ocorre uma mudança no foco de análise do objeto “mulher” para o objeto teórico “gênero”.

O termo gênero, então, é incorporado como objeto teórico de estudos para que não se remeta a uma análise que tenha como figura somente a mulher, mas que englobe as relações de gênero, incluindo a figura do homem, a uma análise focada nas influências culturais e sociais que afetam ambos na construção de uma identidade histórica.

Portanto, as relações de gênero são historicamente construídas e remodeladas em favor de seu tempo, ou seja, a construção do que é ser mulher, da identidade de ser mulher vai muito além do determinismo biológico.

A concepção de ser mulher está intrinsecamente ligada às relações sociais e culturais do local e do tempo em que ela vive. No lar, na rua, na política, nos movimentos sociais, enfim, em todos os aspectos da vida cotidiana é que as relações e diferenciações de gênero se constroem.

Dos movimentos iniciais até sua afirmação a partir da década de 1970 em âmbito mundial, aqui no Brasil os estudos de gênero começaram a se firmar somente a partir dos anos 1980.

Os estudos sobre as mulheres e das relações e gênero neste país também nasceram a partir de movimentos feministas, políticos e sociais advindos principalmente dos anos 1970. Há que se frisar que, no auge dos movimentos feministas, o período histórico em questão são os anos sombrios do regime militar, marcados pelo cerceamento de direitos e da liberdade de expressão.

Vicentini (1989, p. 52) afirma que “somente através da teoria feminista conseguiremos realmente empreender uma análise crítica do gênero” e que o movimento feminista produz a base para que as pesquisas não corram o risco de repetir conceitos patriarcais reduzindo a pesquisa novamente ao objeto mulher.

O gênero, como foco de análise no Brasil, teve grande expansão a partir dos anos 1980, seguindo o parâmetro mundial de estudos sobre a mulher, como afirma Zirbel

O final dos anos 80, marca ainda o crescimento dos estudos de gênero no país. Em um curto espaço de tempo (menos de dez anos) quase todos os núcleos, ONGs, instituições, centros de pesquisa e grupos ligados à causa das mulheres procuravam fazer uso do novo conceito. O termo gênero passou a figurar em todos os espaços historicamente entrelaçados pelo feminismo: grupos de mulheres, sindicatos, partidos políticos, igrejas, ONGs, instituições governamentais, etc., apontando para a eficácia das redes de contato formadas por estas feministas e para o respeito conquistado pela militância nas décadas anteriores. (ZIRBEL, 2007, p. 20-21).

Como temática, inicialmente os estudos sobre as mulheres no Brasil foram focados no período colonial e, conforme os estudos e as técnicas que complementaram o estudo historiográfico das fontes, como o acesso a acervos particulares e a valorização da história oral, foi que novas possibilidades montaram as estruturas dos estudos de gênero no Brasil.

Autoras renomadas deram características e voz aos estudos sobre as mulheres no país, tais como, Maria Odila Leite da Silva Dias, Margareth Rago, Rachel Sohiet, Guacira Lopes Louro, Joana Maria Pedro, Carla Bassanezi Pinsky, Mary Del Priore, entre tantas outras, começam a estruturar os estudos sobre a figura da mulher no âmbito da educação, do mundo do trabalho e das fábricas, das publicações destinadas às mulheres, etc.

Dentre o leque de possibilidades e de temáticas de análise no que condiz às relações de gênero, as representações das mulheres nos impressos em revista é o tema no qual se pretende discorrer a seguir.

2.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS REVISTAS NA DÉCADA DE 1950

A expansão da grande imprensa, como o rádio e a televisão chegou a maioria das famílias de classe média no Brasil a partir dos anos 1950, anos que ficaram conhecidos como Anos Dourados.

Os anos 1950 tiveram como características grandes transformações estruturais, aceleração do desenvolvimento urbano e, conseqüentemente, modificações sociais advindas do fim da Segunda Guerra Mundial. As mudanças eram sentidas visivelmente através do processo crescente de modernização e industrialização em várias regiões do país.

A produção industrial se intensificava e diversificava fazendo com que o mercado de trabalho abrisse espaço para a admissão de mulheres. A economia e a ascensão da classe média abrem possibilidades de novas formas de consumo e o cotidiano das cidades e das relações pessoais sofrem alterações com a abertura de novos espaços comerciais para o lazer. Conforme Pinsky (2014, p. 18) “muitas das distâncias entre homens e mulheres diminuem com as transformações urbanas: novas formas de lazer, novos pontos de encontro surgem nas cidades.”

O país era fortemente influenciado pelo capital estrangeiro e grande parte da população brasileira vivia um reflexo do modelo de vida norte-americano, e que foi difundido com o chamado *American Way of Life*¹, ou seja, o estilo de família, de comportamentos e de consumo estava calcado em uma estrutura cultural que se tornava sólida após a Segunda Guerra Mundial. Outros meios de comunicação que ganham destaque foram o cinema, o rádio e as revistas.

Em se tratando das revistas, se percebe que estas possuem um papel importante na manutenção e construção de valores e comportamentos destinados às mulheres na sociedade. As revistas femininas eram voltadas geralmente a um público-alvo que atingia mulheres casadas e moças que se preparavam para uma vida conjugal.

¹ Tradução livre: Estilo de vida americano.

Geralmente os conteúdos eram apresentados na forma de textos divididos em editoriais, matérias, colunas de opinião com assuntos variados como por exemplo, moda, culinária, como se portar ao andar, como se vestir, etc. Como deixa claro Pinsky

Casamento, filhos, moda, beleza, culinária, prendas domésticas, decoração, crônica social, etiqueta e “matérias de comportamento” compunham o universo de assuntos das revistas destinadas ao público feminino nos Anos Dourados. Tratava-se de uma gama de temas cujos referenciais obrigatórios eram os papéis domésticos tradicionalmente reservados às mulheres e as características consideradas “próprias da mulher”, englobadas na ideia de “feminilidade” que então se difundia. (PINSKY, 2014, p. 23).

As revistas femininas, foram as que mais se perpetuaram dentro dos lares e entre as mulheres da família tradicional no Brasil dos Anos Dourados e, foi também, a partir dos anos 1950 que alguns dos nomes mais relevantes referentes às revistas começam a ter grande repercussão nacional. Nomes como o *Jornal das Moças*, e a revista *Querida*, ambas publicadas no Rio de Janeiro, fizeram grande sucesso na década de 1950.

A revista ganha notoriedade entre as mulheres e assim, a revista feminina surge como um “veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (SCALZO, 2003, p. 11), além de também ser um veículo de ideologias, representando a mulher sempre no âmbito privado. Segundo Marina Krüger Pelissari

A Revista Feminina [...] expressa a reunião de esforços para disciplinar qualquer tentativa “modernizadora”. [...].

O discurso que separa os papéis dos homens e das mulheres [...] na sociedade [...] já é relativamente conhecido. A mulher deveria ser a guardiã do lar, tendo como função casar, ter filhos e educá-los. Ao homem cabia a vida pública, prover o sustento da família e o poder das decisões. (PELISSARI, 2012, p. 104).

Os aspectos que caracterizam a imprensa feminina são geralmente relacionados ao cotidiano de seu público-alvo, ou seja, as revistas femininas são representantes de uma época, falam a linguagem de um tempo em que seus leitores estão imersos e conseqüentemente atrelados a este contexto temporal.

portanto, no aspecto social dos anos 1950 elas funcionavam “como conselheiras, fonte importante de informação e companheira de lazer [...], as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo [...]” (PINSKY, 2015, p. 609).

Com uma linguagem acessível e tendo como característica um palavreado informal, quase como uma conversa entre amigas íntimas, as revistas femininas tornam-se importantes aliadas nos temas que deixavam as mulheres inquietas em relação as mudanças e papéis que lhes cabiam dentro do momento histórico dos anos 1950. A revista feminina

[...] consumiu e assimilou diversas imagens da condição feminina: a mulher puramente tida como objeto; a mulher pedra angular da tradição familiar burguesa; a mulher conquistadora de liberdade e responsabilidades masculinas; a mulher heroína, capaz de conduzir uma vida masculina e uma vida feminina; a mulher, primeira vítima de tensão do mundo moderno. (SULLEROT, 1963, p. 269).

As mudanças decorrentes dos anos 1950 começaram a surgir nas grandes capitais e centros urbanos e aos pouco foram se alastrando para o restante do país como é o caso da cidade do norte gaúcho, Erechim.

Por muito tempo esta foi uma cidade economicamente agrícola e a grande produção de grãos lhe concedia o título nacional de Capital do Trigo. E foi exatamente nos anos 1950, assim como estava ocorrendo em todo o país, que a cidade parece nos mostrar os indícios da vontade de se tornar um polo em economia, infraestrutura e industrialização.

Segundo Neto (1981) o auge do desenvolvimento do município de Erechim acontece a partir dos anos 1950 quando se inicia um processo de incentivo às indústrias e a modernização urbana.

Todo esse conjunto de modificações resulta em uma influência direta no cotidiano e na vida social da população na cidade e é nesse ponto que se propõe a análise e pesquisa ao deter-se, principalmente, em verificar como essas mudanças afetavam as relações de gênero no que se refere aos lugares tradicionalmente estabelecidos às mulheres.

Sabe-se que a modernidade possibilitou uma linha muito estreita entre emancipação e liberdades pessoais. No caso das mulheres, contudo, o que ocorria era uma constante tentativa de manutenção do conservadorismo moral e, conseqüentemente, a manutenção de lugares previamente estabelecidos a elas. Isso nos possibilita investigar o que era “ser mulher” em Erechim da década de 1950.

Para desenvolver essa análise, toma-se como fonte de pesquisa um dos principais veículos de informação da cidade de Erechim nos anos 1950, a Revista de Erechim.

3. A REVISTA DE ERECHIM

Em 18 de fevereiro de 1951, o Jornal A Voz da Serra anuncia com entusiasmo a possibilidade de um novo meio de comunicação e entretenimento para Erechim. Uma Revista para a sociedade erechinense. O jornal abriu consulta popular entre seus leitores para que estes pudessem participar da escolha do nome da revista. Em 25 de fevereiro do mesmo ano o nome havia sido escolhido e anunciado através de nota do mesmo jornal. O nome eleito foi Revista de Erechim e seu lançamento aconteceu em Junho de 1951 com a característica de ser um mensário ilustrado e com o objetivo de abranger e informar aspectos sociais, econômicos, culturais e artísticos à sociedade erechinense.

O periódico era editado pela Livraria e Tipografia Modelo pertencente ao diretor proprietário Estevam Carraro, com sede na mesma cidade e localizada na Avenida Maurício Cardoso, nº 204. Esta mesma editora e este mesmo proprietário também produziam e distribuíam o Jornal a Voz da Serra, portanto, a Revista e o Jornal eram dois canais de informação que estavam estreitamente vinculados à mesma editora.

Como já ressaltado anteriormente, os impressos estavam em expansão no país e a Revista de Erechim foi um veículo que não fugiu à regra das características de alastramento da imprensa no Brasil.

Ainda, conforme Neto (1981), a Revista de Erechim foi um dos veículos que mais agraciaram a classe média e intelectual erechinense. Foi também um meio de fazer com que a cidade de Erechim pudesse ser notada aos olhos do restante do país como um polo que estava se modernizando. Conforme Angélica Rossi (2014)

O empreendimento de circular uma revista para a cidade de Erechim nessa época simbolizava o interesse de servir como elo para uma ligação regional, com o Rio Grande do Sul, e até mesmo sinalizar sua existência para o resto do país. Buscava-se então um empreendimento que se equiparasse a Revista do Globo editada em Porto Alegre, para demonstrar que Erechim, que estava despontando como centro econômico da região, também se tratava de um importante centro cultural. (ROSSI, 2014, p. 16).

Por se um veículo de notável circulação na cidade e também um dos principais meios de informação sobre e para a sociedade erechinense, a Revista de Erechim tornou-se fonte rica em informações, principalmente no que condiz com o foco da pesquisa que se pretende realizar. Assim, o periódico oferece relevantes informações sobre diferenças entre as relações de gênero e a manutenção contínua dos lugares sociais destinados às mulheres nos anos 1950 em Erechim.

Apesar de não ter seu público-alvo diretamente relacionado às mulheres, a Revista de Erechim disponibiliza diversificados assuntos relevantes e perceptíveis que a tornam lida e direcionada às mulheres de classe média residentes na cidade.

Percebe-se que o discurso da Revista, além de ser informativo, é voltado para caracterizar a vida urbana da classe média da cidade de um modo geral, e de um modo específico também se torna visível em seus textos, os discursos de regramento social, principalmente no que se refere a vida urbana e cotidiana das mulheres de Erechim.

A Revista de Erechim ganhou abrangência durante as décadas de 1950 até a década de 1960. A mesma se encontra disponível para consulta pública no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.² Os números disponíveis³ no arquivo totalizam 19 edições referentes aos anos de 1951, 1952, 1953 e uma edição datada do mês de outubro referente ao ano de 1966.

Ao fazer a análise mais profunda das características e do conteúdo publicado na Revista de Erechim, fica perceptível que nem sempre os mesmos editoriais, colunas e autores aparecem através de suas publicações, de forma que a revista não tinha um caráter linear no que se refere ao conteúdo publicado.

Frequentemente as colunas e os textos são assinados por pseudônimos masculinos e os textos direcionados às mulheres se encontram com maior recorrência mesmo o periódico não assumindo se tratar de revista feminina. Esse perfil fica visível conforme se analisa os conteúdos da revista, os quais estão dispostos em propagandas, anúncios de cursos, página da Igreja, anúncios de casamentos, coluna social onde se registram os bailes de formatura,

² Localizado na Avenida Pedro Pinto de Souza, nº100 na cidade de Erechim.

³ O acervo da Revista de Erechim preservado no Arquivo Histórico Municipal está incompleto. A revista possui mais exemplares referentes aos anos citados.

carnaval, etc. Todos esses temas fazem jus a frase de capa “sociedade, cultura e arte” no que condiz a registrar todos os acontecimentos referentes a sociedade da cidade, ficando assim evidente o propósito da revista.

O mensário trás em suas capas, fotografias de moças e meninas, com exceção da edição comemorativa da 3ª Festa Nacional do Trigo, referente ao (Ano 3, nº 28-29), que traz em sua capa uma figura masculina fazendo alusão ao agricultor.

Em seu interior, a Revista de Erechim era apresentada através de 50 páginas que traziam em seus conteúdos, textos, algumas propagandas e fotografias. As capas traziam sempre fotografias de moças ou meninas e a cor das mesmas eram geralmente em tons neutros. O periódico era impresso em papel jornal e seus textos eram dispostos entre as páginas na forma de colunas, por vezes sendo apresentados assimetricamente e sem a assinatura do autor.

Abaixo algumas imagens das capas da Revista de Erechim.

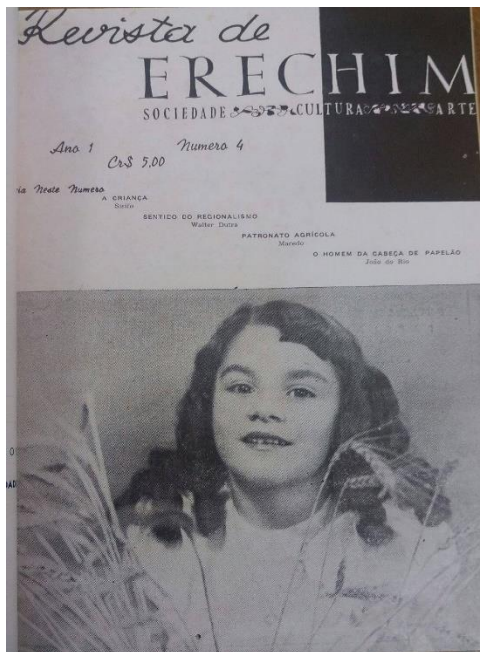


Figura 1: Revista de Erechim, ano 1, nº 4, 1951 **Figura 2:** Revista de Erechim, ano 1, nº 3, 1951

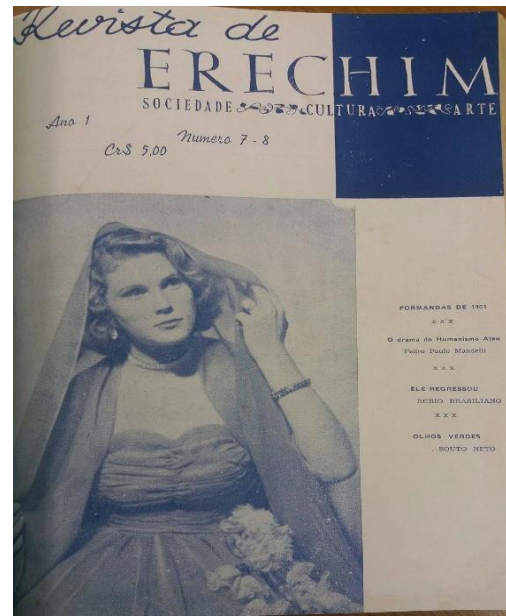


Figura 3: Revista de Erechim, ano 1, nº 5-6, 1951 **Figura 4:** Revista de Erechim, ano 1, nº 7-8, 1951

A Revista era vendida, na época, pelo preço de Cr\$ 4,00 o número avulso na cidade, conforme a contracapa na figura 5 referente a 1ª edição e fora da cidade pelo preço de Cr\$ 4,50. Apesar de não haver informação referente ao número da tiragem na ficha catalográfica da revista e tendo em vista que a publicação da mesma tinha um intuito de alastramento para outros locais que não somente a cidade de Erechim, se pressupõe que a Revista de Erechim possuía tanto leitores locais quanto leitores nos arredores da cidade.



Figura 5: Ficha catalográfica da Revista de Erechim ano 1, nº 1, 1951.

Uma das características que muito chama a atenção na revista, são as imagens, principalmente a grande quantidade de fotografias, o que pressupõe a grande vontade de deixar registrado assuntos que se referiam aos acontecimentos sociais da cidade. Imagens de casamentos, formaturas, debutantes e bailes de carnaval eram bastante recorrentes através das páginas da revista. Angélica Rossi confirma essa forte preocupação com as imagens

Desde as primeiras anúncios no jornal de que surgiria uma revista na cidade, notou-se o interesse em demonstrar que ela teria um caráter fortemente imagético. Isso porque a prioridade da revista seria a publicação de imagens, tais como fotos de acontecimentos sociais como festas, casamentos, aniversários e retratos pessoais, com preços atrativos de modo a incentivar a clientela a criar uma cultura de representação das sociabilidades cidadinas. (ROSSI, 2014, p. 20-21).

As revistas tem papel fundamental na formação de conceitos de comportamentos e padrões que se dirigem a sociedade da época em questão. A modernização de Erechim exigiu certas posturas e condutas que faziam com que as pessoas construíssem por meio destas um modo de distinção social além de firmar um meio de vida que tanto se pretendia alcançar para a cidade na época.

Ainda conforme Angélica Rossi

O permanente jogo pela distinção social instaurou um sentimento de vergonha e medo de uma degradação social. Sem a instauração de uma série de medos e tabus a sociedade nunca faria parte efetiva da nova conduta social que se almejava. Como exemplo de distinção, as classes dominantes personificavam a vida regrada e cheia de símbolos. Tudo era pautado por uma rede de civilidade, as vestimentas, as expressões e modos de agir. Qualquer detalhe se convertia em simbologia. A própria etiqueta surge dessa sensibilidade estética como o regramento da conduta como princípio de distinção.

A normatização das condutas e modos de se apresentar perpassava os mínimos detalhes da vida social, desde a mesa até a devida postura em lugares públicos. (ROSSI, 2014, p. 12).

Com essa afirmativa, percebe-se que a normatização das condutas era aspecto muito relevante à sociedade erechinense, analisaremos portanto, como essas mesmas condutas tentavam padronizar os modos de vida das mulheres de Erechim.

4. AS MULHERES REPRESENTADAS NA REVISTA DE ERECHIM

4.1 “A MULHER NASCEU PARA UM DESTINO GLORIOSO”: O CASAMENTO

Serás esposa, mãe, avó. Por isso, a preparação da Mulher é uma obra de arquitetura delicadíssima. O mundo exige muito da Mulher. Pede-lhe todas as forças, todos os sacrifícios, todo o idealismo. Ela conhecerá as santas alegrias da noiva, as ternuras da esposa e as felicidades precárias da maternidade.

A mulher nasceu para um destino glorioso. Dar vida ao homem, e dar-lhe, depois, o seu sangue, o seu beijo, o seu existir, pela estrada em fora.

(REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 31).

A premissa acima foi retirada de uma coluna chamada “Carta a uma filha” da Revista referente ao (Ano 1, nº 3), e quem a escreve é um pseudônimo masculino, “Sócrates”⁴. O modo que o autor escreve este texto é como se estivesse aconselhando sua filha para, parafraseando o que ele mesmo diz no texto, um “destino glorioso”. Palavras como “esposa”, “mãe” e “avó” revelam as etapas do “destino” de cada menina.

Ainda segundo o texto de “Sócrates” na Revista de Erechim (1951, p. 31) “A Mulher só é grande quando está num altar. E este altar, minha Filha, são as suas virtudes”. Eis que com esta afirmação, o autor revela que a grandeza da mulher para a década em questão está no casamento, como se o ato de casar lhes desse todas as possibilidades de realização, como se o casamento fosse algo natural na vida de toda menina e mais, ele explica que o altar são as virtudes, ou seja, a virtuosidade feminina está atrelada ao casamento como se somente com o ato matrimonial a mulher seria grandiosamente virtuosa.

Sendo assim, a visão expressa pelo autor vai ao encontro da afirmação de Carla Bassanezi Pinsky (2014, p. 50) onde a mesma explicita que “A ideia de que a natureza conduz as mulheres ao casamento, à maternidade e a domesticidade é marcante na imprensa feminina desta época, constituindo-se em uma das bases de seu conteúdo.”

A mulher, então, já nascia representando um papel e seu destino estava naturalmente traçado. Pinsky (2015 p. 609) ainda afirma que a maternidade, o casamento e o cuidado com o lar, nos anos 50, faziam parte natural de ser mulher e nada era contestado pois a sociedade

⁴ Sócrates foi um filósofo ateniense referente ao período clássico da Grécia Antiga.

acreditava que essas eram as principais características da feminilidade. Portanto, se o destino das jovens era o matrimônio, conseqüentemente, para que elas pudessem alcançar o auge da realização de ser mulher, haveria que existir uma educação que não as desviasse de seu futuro.

As mudanças advindas do processo modernizador da cidade de Erechim traziam muitas características novas ao cenário urbano como também aos comportamentos sociais. A cidade começava a ter ares modernos espelhada em grandes centros europeus. Como destaca Carla Barros

Sobre a Erechim dos anos 1940 e 1950, há de se destacar que a partir do período de modernização o centro urbano ganha jeitos das grandes cidades europeias, de modo que além do visual, trata-se de uma apropriação dos valores elitistas pregados, na necessidade de reforma, regeneração e civilidade. (BARROS, 2016, p. 16).

Os novos espaços de lazer facilitavam o flerte entre moças e rapazes e não havia tanta restrição quanto a liberdade de escolha dos namoros. Mas tudo teria de ser voltado para um único fim, o casamento. Portanto, o comportamento das meninas deveria ter caráter didático, seguindo regras comportamentais em uma sociedade que ansiava civilidade mas que aparentemente se tornava cada vez mais contraditória em se tratando de comportamentos.

O autor “Sócrates”, ainda em sua coluna na Revista de Erechim adverte as moças para essa questão. Percebe-se mais um conselho às meninas no que diz respeito ao processo de liberdade que acompanhava a modernização dos comportamentos

A vida moderna, deu à Mulher, minha filha, muitos direitos. Mas, esses direitos, [...] poderão te levar ao erro.
Uma falsa compreensão dos deveres femininos tem vulgarizado a mulher moderna. [...]. A mulher moderna se ombreou com o homem. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 31).

Com esse conselho, o autor ainda termina seu texto com “Faze com que te respeitem, e caminha para o altar em que o Destino te dará as alegrias da Noiva, as honras da Esposa, e a imorredoura beleza de ser Mãe.” (1951, p. 31), afirmando assim que, mesmo que os comportamentos tenham se transformado, o destino das meninas ainda deve ser selado no matrimônio.

4.2 “FAÇA-O ASSIM, SENTIR SAUDADES DE SEU AMBIENTE-LAR”: A HARMONIA DO LAR

“Lar. Objetivo proeminente, aspirado nos sonhos das jovens, quando exaltam a vinda do ‘príncipe encantado’, construtor infalível de castelos.” (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 9).

O texto acima faz uma alusão explícita aos contos de fadas infantis quando direciona a figura do esposo ao de “príncipe encantado”. Sabe-se que contos de fadas na infância, traziam a ideia de um “relacionamento amoroso perfeito”, o que fez com que a maioria das adolescentes sonhassem e Almejassem essa perfeição em seu casamento, ou seja, como o texto descreve, fez com que as jovens aspirassem por esse objetivo, o “lar perfeito”.

Nos anos de 1950 o modelo de família tradicional ainda era muito influenciada pelas características sociais difundidas após a Segunda Guerra Mundial. O núcleo familiar dominante e tradicional era composto pelo homem, pela mulher e pelos filhos, sendo que cada um representava uma papel fundamental na consolidação e construção do lar.

Pinsky (2014) afirma que o marido é o principal alicerce econômico do lar, provedor do sustento enquanto a esposa volta sua atenção para os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Ou seja, cada um possuía um papel fundamental para o funcionamento da família socialmente aceita para a época e mais, essas representações seguiam uma ordem hierárquica que tornavam a palavra da mulher menos importante quanto as principais decisões que condiziam à família, como deixa claro, ainda, Pinsky

O casamento define atribuições e direitos distintos para homens e mulheres traduzidos frequentemente em desigualdades, já que cabe ao homem a palavra final a respeito dos gastos importantes, da educação e do futuro dos filhos, do local de moradia da família e das atividades econômicas de seus membros. (2014, p. 209-210).

Essa hierarquia no âmbito conjugal - que tornava o poder masculino legítimo - era afirmada pelo tradicional sistema patriarcal e por vários argumentos advindos principalmente da religião, da organização da sociedade que determinava papéis naturais e distintos para o feminino e o masculino e também das leis do Estado vigentes na época. Estas, tornavam a mulher casada civilmente incapaz, colocando-as na mesma posição das crianças, totalmente dependentes do esposo.

A autora Ana Silvia Scott deixa claro que

Por muito tempo, [...] os valores patriarcais, [...], foram referência quando o assunto é família: [...]. Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para a do outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indiscutível. (SCOTT, 2013, p. 15-16).

A vida da mulher para esta época ainda era regida pelo Código Civil de 1916 que as considerava incapazes. Segundo Cortês “com relação à mulher, o Código Civil de 1916 esbanjou em discriminações, tratando-a como um ser inferior, ‘relativamente incapaz’, necessitada da proteção, orientação e aprovação masculina.” (CORTÊS, 2013, p. 265). Portanto, totalmente submissa as leis civis do Estado, o único espaço que lhe garantia segurança era o casamento e o lar.

Tendo então a figura da esposa como a principal mantenedora do sossego e da harmonia do lar nesta época, pois isso era naturalmente esperado da mulher pela condição feminina dela, a Revista de Erechim (Ano 1, nº 4) publica um texto escrito por um professor de nome F. Teiteiroit que tem por título “Harmonia do Lar doméstico” e que complementa afirmativamente o status e o papel da mulher no casamento.

O autor expressa em sua escrita que a responsabilidade pela harmonia do lar seria do esposo e da esposa, mas o que mais chama a atenção é que o texto, que foi dividido em duas páginas por ser extenso, é direcionado quase que exclusivamente para a mulher, não fosse pelo último parágrafo que é voltado aos homens. Este, revela o poder hierárquico e grau de importância da função de cada um como expõe parte do texto abaixo

Para podermos ser mais explícitos e claros, torna-se-nos indispensável abrir, aqui, um parêntese, para convidar o leitor dar uma ‘olhadela’ [...] na lista de atribuições e contribuições, que devem ser assumidas por ambas as partes - ele e ela - para conseguir e manter em equilíbrio desejável, este grande edifício, o lar.
E, por considerarmos a mulher, a força preponderante na edificação e continuidade da felicidade conjugal, daremos prioridade a ela indicando-lhe, em resumo, aquilo que parece-nos essencial, com o que ela deve contribuir para que a felicidade continue e sobreviva. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 9).

O autor ainda escreve em seu texto frases que comprovavam, através de “dados”, a importância da exclusividade feminina no amparo da harmonia do lar afirmando que a mulher, “naturalmente” é mais propícia a zelar por essa situação.

A mulher, na sua constituição física e espiritual, [...] irmanadas a sua sutil sensibilidade, torna-se mais suscetível a qualquer melindre ou ofensa [...]. Se é inegável que, a felicidade do lar depende e, logicamente, interessa a ambas as partes, não é menos certo que, a mulher é a couraça essencial na defesa desta felicidade. Está comprovado, por várias estatísticas, organizadas por instituições especializadas no gênero, que todas as felicidades domésticas destruídas, tiveram como origem e ponto inicial, a dúvida, que gera, como consequência, o desentendimento e a desarmonia. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 9).

Ainda em sua coluna, o autor deixa os conselhos às esposas, para que estas pudessem seguir à risca e assim alcançassem a tão desejada felicidade conjugal e a segurança de que seu casamento seguisse fortalecido.

Execute os seus afazeres com prazer, [...] O homem, aprecia e gosta de todos, mas, só ama a sua mulher e o seu lar. Anime-o, ao sair para o trabalho, acompanhando os seus passos até a porta, até perde-lo de vista, com um sorriso e um adeus carinhoso. Conforte-o com a certeza de que, ao voltar, alguém o espera com o mesmo sorriso acalentador. Faça-o assim, sentir saudades de seu ambiente-lar, [...]. Compartilhe nas suas preocupações, com palavras de animo, coragem e esperança, e ele jamais se afastará de seu dever. [...] Procure sempre sugerir um assunto, fora de seus problemas diários, como motivo de [...] convivência agradável. E, a tudo isto, adicione as suas obrigações e deveres de esposa e mãe, cumprindo-as com lealdade e dedicação, e terá assegurada a felicidade almejada e sonhada. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 36).

Esta passagem revela muito mais do que apenas conselhos às esposas, revela uma subjugação, ou seja, o texto deixa muito claro qual é a posição da mulher dentro do casamento para alcançar a felicidade conjugal. A esposa deveria pensar, agir e corresponder as várias necessidades do esposo, deixando de lado as suas próprias vontades e preocupações. Estas, eram pequenas e insignificantes se medidas às do marido.

Além do que, a passagem acima também coloca a mulher em um local de responsabilidade, fazendo com que todo o esforço se centralizasse a partir dos esforços da esposa, sendo assim, caso a felicidade conjugal não fosse alcançada a culpa desta “derrota” com certeza recairia sobre a mulher, como confirma Carla Bassanezi Pinsky

A mulher carrega a maior parte da culpa no que diz respeito aos fracassos, desarmonias e conflitos do relacionamento conjugal. E sua eventual insatisfação na busca da felicidade-modelo-obrigatória [...] é apresentada simplesmente como um problema, uma falha, da própria mulher. (PINSKY, 2014, p. 226).

Nas frases finais, o professor deixa uma única dica ao homem.

E ele, o homem?

A ele recomendamos, que leia com atenção as linhas acima, e, [...] aprenda com sua mulher a conhecer a vida, gravando no seu pensamento, no seu eu a seguinte trilogia: Retidão de caráter; Coragem nas suas atitudes e Confiança mutua. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 36).

Tanto o discurso de “Sócrates” quanto o do professor “F. Teiteirot”, são discursos que, analisados, são carregados de “doutrinações” referentes aos ensinamentos a serem dados às mulheres em vários âmbitos da vida, desde a adolescência até o comportamento “adequado” quando esta assume o papel de esposa e de mãe.

A autoria dos textos também remete à reflexão, pois são lugares de fala masculinos. O “professor F. Teiteirot” já carrega, antecedendo seu nome o “peso” da palavra “professor”. Esta palavra lhe confere certo grau de credibilidade, “sabedoria” e, com certeza, não gera dúvidas em relação à sua posição de fala. Já “Sócrates” também assume um papel masculino e de sabedoria, visto que a escolha do pseudônimo faz referência à um filósofo fundador da filosofia ocidental e que teve papel importante na Grécia Antiga Clássica, ou seja, podemos não saber quem é o verdadeiro autor, mas o pseudônimo já é todo “carregado” de saber, o que também lhe confere grau de veracidade e confiança.

Dois homens, um local de fala masculino, “aconselhando” mulheres, dizendo o que é o “melhor” para elas, distribuindo responsabilidades sobre às esposas e mães e lhes garantindo que se fizerem tudo certo como mandam os conselhos, com certeza nada abalaria a felicidade conjugal. Dois autores atribuindo funções e normas às mulheres para que os esposos pudessem ter o máximo de atenção, conforto e acolhimento dentro do lar, fazendo assim com que ambos pudessem viver felizes para sempre.

4.3 “FIQUE DIANTE DE UM ESPELHO E ANALISE O SEU MODO DE ANDAR”: AS REGRAS DE COMPORTAMENTO

Uma palavra que aparece muito em um segundo texto de “Sócrates”, é a palavra “vulgar”. Percebe-se que todos os preceitos giram em torno de evitar a vulgaridade ou de se tornar uma mulher vulgar, como se esse comportamento fosse fruto direto da modernização e fosse também uma ameaça à moral das moças. Portanto, deveria ser evitado veementemente. Na coluna do autor que se intitula “Carta a minha filha” e que está presente na Revista de Erechim (Ano 1, nº 9-10), pode-se perceber demasiada preocupação em alertar as moças da sociedade para a vulgaridade.

A mulher vulgar se torna vulgar quando, [...] supõe que deve prevalecer sobre as demais com as joias, os vestidos, [...]. Importam-lhe os vestidos vistosos, os modelos mais provocantes, as revistas de literatura duvidosas...[...].
 Suas ricas mãozinhas não conhecem outro trabalho senão o de segurar a pluma de pó-de-arroz. Cozinhar? Fazer um doce? ‘Deus me livre! Mamãe tem criadas para isso’. [...].
 Falhem-lhe das doçuras de um lar. Da beleza da maternidade. Da grandeza da inteligência. Da aurifulgência da modéstia, e ela, a mulher vulgar, ficará surpreendida. Não conhece a linguagem dos anjos. [...].
 E assim, com ideias errôneas e orelhas curtas, a mulher vulgar terminará um dia, velha e imprestável, no ridículo das vovós traquinas e moderníssimas.
 Reflete bem minha filha. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p.10).

A vulgaridade seria o oposto da manutenção da moralidade. As condutas de comportamento para um cidade moderna e civilizada estariam ameaçadas pelos comportamentos ditos “vulgares” e, principalmente no que se refere às mulheres, se estas fugissem aos padrões de comportamentos “destinados” naturalmente à elas, então elas não seriam vistas com bons olhos dentro da sociedade pois estariam ficando a margem do que era considerado “moça honesta, honrada e de família”.

Interessante perceber qual o modelo de mulher vulgar que o autor revela em seu texto. Para ele, a mulher dita “vulgar” era aquela que vislumbrava apenas joias e vestidos, que gostava de apreciar leituras “duvidosas” e que repugnava os afazeres domésticos como cozinhar. Imaginar esse modelo de comportamento para a década de 1950 é ter em mente mulheres que talvez estivessem resistindo à toda essa trama normativa da moralidade e dos comportamentos, almejando, quem sabe, alguma liberdade e, conseqüentemente oferecendo alguma resistência.

Sabe-se, como já ressaltado anteriormente, que Erechim passava por um processo modernizador e tal processo requeria procedimentos quanto à conduta das pessoas da sociedade. A imprensa serviu como principal meio de conduzir e inculcar esses padrões no cotidiano da população erechinense. Como deixa claro Angélica Rossi

Na década de 1950 é possível observar uma verdadeira cruzada em prol moralidade nas páginas da imprensa. Estas desencadeiam uma sequência de textos nos quais tem-se os assuntos inteiramente relacionados com o estabelecimento de comportamento social adequado a sociedade, mexendo com as noções de família, homem, mulher, moral e civilidade. (ROSSI, 2014, p.37).

Os padrões comportamentais advindos da ânsia de Erechim em se modernizar, como já ressaltado anteriormente, atingiram através da Revista de Erechim também as adolescentes.

Sobre esta questão, o texto “A beleza das adolescentes” na página intitulada “Para a mulher” da Revista de Erechim (Ano 1, nº 9-10), fica exposto a preocupação com os padrões de comportamento que atingiam as moças na fase adolescente, o que leva a acreditar que elas precisariam seguir tais condutas pois conseqüentemente se preparavam para uma vida conjugal. Essa afirmativa vai ao encontro do que diz a autora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, onde a mesma afirma que “a necessidade de levar as jovens ao altar, encaminhando-as para a construção de um lar feliz e honesto, motivava uma grande parte dos conselhos de beleza.” (2013, p. 111).

O texto é apresentado no formato de um manual de beleza que didaticamente explica através de tópicos o que as adolescentes deveriam ou não usar e fazer com o seu corpo para que este tivesse “condição essencial para a aparência agradável de uma jovem de 16 anos.” (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 50). Nota-se, portanto, que não somente o comportamento fazia da mulher uma pessoa honrosa, mas esta deveria transparecer saúde, higiene e cuidados também com seu corpo. Ou seja, as regras de comportamento não abrangiam somente o social, mas estavam representados também no cuidado com a higiene corporal das adolescentes, as adequando a mais um meio de regramento a fim de que as meninas se encaixassem num modelo de sociedade que estava em construção e que almejava civilidade.

Os padrões comportamentais, que tinham como alvo principal civilizar as mulheres segundo a análise dos principais textos da Revista de Erechim, eram espelhados e acompanhavam o movimento de modernização que atingia grande parte do Brasil.

E, na medida em que as cidades brasileiras cresciam e as mulheres integravam no mercado de trabalho, os conselhos de beleza incluíam recomendações relacionadas ao comportamento: saber andar, se sentar, dançar, descer as escadas, sair de um automóvel, conversar, etc. (SANT'ANNA, 2013, p. 111).

A mulher deveria seguir uma espécie de “manual de conduta” se quisesse manter o papel de “moça honrada” perante a sociedade e, esse manual, didaticamente as ensinava desde que roupa vestir, como andar ou o cuidado e higiene com seu corpo. Dessa forma, em todos os âmbitos da vida da mulher existia alguma norma a ser seguida, uma conduta comportamental “perfeita” que fazia com que essas mesmas mulheres acreditassem que o único meio de manter o seu lugar na sociedade erechinense da década de 1950 era seguindo essas normatividades.

O texto “A mulher e os vestidos” presente na Revista de Erechim (Ano 1, nº 7-8) deixa claro como a normatização se estendia até mesmo ao vestuário das moças, indicando quantos e para quais ocasiões as mulheres devem obter vestidos e alertando que uma mulher elegante não é sinônimo de extravagância

A mulher elegante veste-se bem sem se fazer notar quer pela bizzarria, quer seja pelo extravagante. [...].

A mulher em geral, precisa de três tipos de vestidos: para o trabalho (ou escola), para esportes e para festas. [...]. Devem ser graciosos, práticos, baratos, laváveis e sem nenhuma pretensão. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 38).

Já no texto “Andar com elegância” encontrado na Revista de Erechim (Ano 1, nº 11-12) na página “para a mulher” percebe-se um claro conselho de como as mulheres devem se portar ao andar, ou seja, o andar com elegância também requeria um modo correto de se fazer

Saber andar todas nós sabemos, agora, andar com aprumo e elegância e privilégio de muito poucas. Geralmente, as mulheres não cuidam desse detalhe. [...]. Fique diante de um espelho e analise o seu modo de andar. Regule a distância de seus passos. Eles não devem ser muito largos porque assim ficaria masculinizada, nem devem ser muito curtos, pois isso faria com que usassem para designá-la o adjetivo “saltitante”. [...].

Outro detalhe importante ao andar é a movimentação harmoniosa dos braços. Estes devem oscilar ao mesmo tempo que as pernas. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 50).

A normatividade e as regras comportamentais também alcançavam as atividades físicas e os esportes para a mulher. Existiam esportes “adequados e corretos” para elas, os quais deveriam ser praticados sem prejudicar os órgãos femininos. No texto “Esportes para a mulher”,

o qual está na Revista de Erechim na página “para a mulher”, (Ano 1 nº 5-6) exemplifica essa colocação

Os melhores esportes são aqueles que favorecem o desenvolvimento harmonioso e não forçado dos músculos e que não comportam qualquer possibilidade de choque brutal ou repetido, que possa lesar os órgãos femininos. Os bons esportes para a mulher são: a ginástica, a natação, etc. [...]. Os maus esportes: a luta, futebol, motocicleta, etc. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 50).

O texto acima ressalta os esportes mais adequados para as mulheres e informam acerca de um padrão estético bem comum à época. Após a Segunda Guerra Mundial, o cinema e a publicidade fortemente influenciados pelo modelo norte-americano reforçavam a estética feminina mostrando mulheres de cinturas afinadas, quadris e pernas torneadas. Portanto, no texto, quando se aconselham esportes que favorecessem “o desenvolvimento harmonioso e não forçado dos músculos”, fica explícita a intensão de fazer com que as mulheres alcançassem um modelo de corpo que fazia jus ao molde estético da época.

Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna

Entre 1930 e 1950 ‘manter a linha’ era um conselho comum publicado nas revistas femininas. Ainda não se falava em ‘boa forma’. Os exercícios aconselhados destinavam-se, em geral, a afinar a cintura e a endireitar a postura. [...] Pouco a pouco, uma nova ênfase à ginástica [...] ganhou importância nos manuais de beleza e na imprensa feminina. (SANT’ANNA, 2013, p. 110-111).

Portanto, subentende-se que, o texto da Revista de Erechim anteriormente citado, aconselha, em relação aos exercícios físicos, que elas não deveriam tonificar o corpo e nem obter músculos - para não se masculinizarem -, mas sim praticar esportes que fizessem com que a silhueta alcançasse formas graciosas e singelas, seguindo assim o padrão de beleza estética da época.

Como já ressaltado anteriormente, o país, na década de 1950, atingia níveis cada vez mais abrangentes de industrialização, modernização e espaços de trabalho. As mulheres aos poucos conseguiam estudar, o que possibilitava lugar no mercado de trabalho. Na cidade de Erechim não foi diferente, e isso pode ser constatado pelo conselho presente no texto “A mulher que trabalha e as diversões” encontrado na Revista de Erechim referente (Ano 1, nº 5-6) na página “para a mulher” que nos permite afirmar que na cidade existiam sim espaços de trabalho ocupados por mulheres.

A vida de uma mulher que trabalha não deve ser de reclusa, de isolamento. Certas compensações lhe são devidas, tais como o teatro, a música, o cinema, festas e reuniões.

Levantando-se muito cedo, [...], ela não poderá, e mesmo não deverá, sair todas as noites e regressar às altas horas. Se assim for, seu organismo se ressentirá da mesma forma que a sua beleza. As diversões também exigem método. Sair duas ou três vezes por semana, à noite, é o quanto basta para espaiar um pouco ou bastante o espírito das que trabalham. O que não devem fazer é ficar em casa dia após dia, [...]. A pessoa que não procura se distrair [...] absorvida unicamente pelo trabalho e pelas preocupações, acaba ficando com o sistema nervoso abalado. (REVISTA DE ERECHIM, 1951, p. 50).

Neste texto, o conselho para as mulheres trabalhadoras é principalmente voltado ao cuidado da saúde mental, dando a entender que o sistema nervoso da mulher que trabalha ficaria extremamente afetado se a mesma só pensasse na vida profissional. Há também, subentendido no texto, a preocupação e o alerta para que as mulheres trabalhadoras não saíssem todas as noites e nem que retornassem tarde para casa, por isso se aconselham programas “leves” como o cinema e o teatro, ou seja, distrações que não exigiriam “grandes noitadas”, estas, possivelmente, segundo o texto acarretariam em alguma deficiência no corpo como também na beleza delas.

As regras de comportamento alastravam-se por vários - se não todos - âmbitos da vida da mulher, pautando condutas para que estas permanecessem em seus papéis de mulheres “honestas e de família” e, que mais tarde com a consagração do matrimônio, encontrariam sua realização nos papéis de “boas esposas e boas mães”.

Esse era o modo como as mulheres “deveriam” se portar na sociedade de Erechim na década de 1950, mulheres “honestas, civilizadas, de família, boas esposas, boas mães, pra casar”.

Esses comportamentos eram esperados destas mulheres pois muitas destas mesmas normatividades, aos olhos da sociedade, apenas afirmavam a docilidade, o dom materno, a vocação para o lar e no trato com o marido, o que, para a época em questão era ainda muito forte a naturalidade biológica destas características nas mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar como os discursos sobre o papel social da mulher foram apresentados na Revista de Erechim e, a partir da análise dos textos presentes neste periódico, verificar como eles influenciaram diretamente na manutenção de lugares “predestinados” às mulheres na sociedade erechinense dos anos 1950. A “lente” historiográfica de análise utilizada para que este estudo pudesse ser produzido se deu a partir das percepções sobre as questões de gênero.

A problemática deste trabalho procurou entender como o discurso midiático impresso nos textos da revista construíram e propagaram lugares estabelecidos para as mulheres e na manutenção do papel social das mesmas na década de 1950 na cidade de Erechim. Teve ainda, como objetivo, perceber como essas mulheres eram representadas na sociedade erechinense dentro dos espaços sociais como família, lar, trabalho, entre outros.

Como pressuposto de um estudo inicial, se percebeu que a modernização decorrente da década de 1950 na cidade propunha um estreitamento entre a liberdade pessoal e o conservadorismo moral. Percebeu-se que a Revista de Erechim serviu como forte instrumento moralizador e mantenedor deste conservadorismo referente ao comportamento das mulheres em relação às “características” inovadoras da modernidade.

As normatividades que foram inculcadas através da Revista de Erechim faziam parte de um propósito e da vontade de construir uma cidade que acompanhasse o ritmo modernizador que acontecia no restante do país, além de adquirir um papel de “alertadora” do processo e do “excesso” de modernidade, o que poderia se tornar perigoso e conseqüentemente dismantelar a família, esta, vista como pilar centralizador para a organização social na década de 1950.

Portanto, também os “conselhos” encontrados nos textos do periódico tem o forte objetivo de assegurar elementos “pilares” da sociedade como o casamento, a moral, e principalmente a manutenção da família. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que esses “conselhos” estão a par das transformações da modernidade, eles também precisam assegurar certos comportamentos que são bases da sociedade erechinense. E, nada melhor do que um professor e/ou filósofo para ensinar isso!

Analisar as questões de gênero e como a manutenção do papel social da mulher na sociedade erechinense moderna se propagou através do discurso midiático impresso em revista fez com que se percebesse diversas tramas que conduziram e regraram didaticamente comportamentos direcionados exclusivamente às mulheres, principalmente no que se refere aos papéis de esposa, mãe e nos vários comportamentos referentes a todos os aspectos da vida das mesmas.

Tendo como base as análises feitas, percebeu-se também que os textos são claros, simples e diretos. As falas dos autores, além de se utilizarem de imperativos predominantes como “faça”, “fique”, “execute”, etc., diziam sem rodeios a que vinham e evitavam interpretações dúbias como também não deixavam dúvidas acerca das suas intenções.

Levando em consideração a miríade de assuntos sobre os quais a revista tratava, algumas indagações nos surgem a mente. Porque colunas direcionadas para as erechinenses da década de 1950? Qual a finalidade de se escrever exclusivamente PARA ELAS? Ou seja, em um momento em que se colocavam novas ideias e desafios pós Segunda Guerra, em que o mercado de trabalho para as mulheres era uma das grandes transformações, em que espaços novos de lazer no meio urbano surgiam e que conseqüentemente possibilitavam maior liberdade de socialização, em que a maior autonomia do flerte e das escolhas nos namoros já era possível, ainda assim, havia a necessidade de reforçar e/ou retraçar os papéis de gênero.

A revista traz, através do discurso da família, a necessidade da manutenção de um dado comportamento condizente com a natureza biológica dos corpos femininos. Corpo que era sinônimo de docilidade e obediência, e que deveria ser fecundado em um dado momento para autenticar o “dom materno”, e que corria também o risco da vulgarização. Quando um dos autores fala às mulheres que estas tem um “destino glorioso”, na verdade está afirmando um determinismo biológico.

Portanto, a cidade de Erechim estava mudando em muitos aspectos advindos da modernização, mas as mulheres se tornaram alvo principal das regras de comportamentos considerados adequados para uma sociedade que ao mesmo tempo em que almejava aspectos e ares de modernidade, também necessitava manter “engessadas” características essenciais para a base desta mesma sociedade. E para isso, coube tentar regrar as mulheres!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, C. **Moral criminosa: Estupro e sedução na cidade de Erechim (1940 – 1959).** Trabalho de Conclusão de Curso – UFFS. Erechim, 2016.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CORTÊS, I. R. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, M. J. (orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.
- NETO, A, D. **O grande Erechim e sua história.** Porto Alegre: EST, 1981.
- PELLISSARI, K, M. A “**mais fina sociedade Riograndina” e suas representações: A vida social da elite de Rio Grande – RS (1956 a 1960).** Dissertação de mestrado – UFRGS. Porto Alegre, 2012.
- PEREIRA, V. L. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, M. N; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (orgs). **Gênero e cultura: questões contemporâneas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.
- PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.
- PINSKY, C. B. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, M. D; PINSKY, C. B. (orgs). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.
- RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (orgs.). **Masculino, feminino, plural.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- ROSSI, A. **Do regramento social: A imprensa como difusora de modos de vida (1950-1960).** Trabalho de Conclusão de Curso - UFFS. Erechim, 2014.
- SANT’ANNA, D. B. Sempre Bela. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, M. J. (orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.
- SCALZO, M. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2003.
- SCOTT, A, S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C, B.; PEDRO, M, J. (orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.
- SOIHET, R. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 264.
- SULLEROT, E. **La presse féminine.** Paris: A. Colin, 1963.

VICENTINI, A. M. **Mudar a referência para pensar a diferença: o estudo dos Gêneros na crítica literária.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 70, ago. 1989.

ZIRBEL, I. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: Um debate.** Dissertação de mestrado – UFSC. Florianópolis, 2007.

7. LISTA DE FONTES

A beleza das adolescentes, **Revista de Erechim**, nº 9-10, p. 50, 1951.

A mulher e os vestidos, **Revista de Erechim**, nº 7-8, p. 38, 1951.

Andar com elegância, **Revista de Erechim**, nº 11-12, p. 50, 1951.

A mulher que trabalha e as diversões, **Revista de Erechim**, nº 5-6, p. 50, 1951.

Carta a minha filha, **Revista de Erechim**, nº 9-10, p. 10, 1951.

Carta a uma filha, **Revista de Erechim**, nº 3, p. 31, 1951.

Esporte para a mulher, **Revista de Erechim**, nº 5-6, p. 50, 1951.

Harmonia do lar doméstico, **Revista de Erechim**, nº 4, p. 9-36, 1951.